

LOURO, Miguel; PEIXOTO, José Carlos

*Festim dos Sentidos: o Barroco do Bom Jesus de Braga.*

Braga: Confraria do Bom Jesus de Braga, 2011.

ELISABETE CORREIA CAMPOS FRANCISCO

Há palavras que não chegam para descrever a beleza de certas imagens. Há certas imagens que contêm em si a profundidade das mais belas palavras. No *Festim dos sentidos*, não é necessária a palavra, apesar dos autores a ela também recorrerem para dar ao leitor breves – e poéticas – explicações do percurso que percorre e dos sentidos a que querem dar ênfase. Porque, para os autores, se “Saint Exupéry escrevia que ‘para ver claramente, basta mudar a direcção do olhar’ (...) no Bom Jesus do Monte, essa direcção deve apelar, em partes similares, tanto aos encantos dos sentidos como aos da alma.” (p. XXXIII).

Assim escreveram e fotografaram esta lindíssima obra, Leopoldo Miguel Sousa Louro da Cruz e José Carlos Gonçalves Peixoto. Ambos residentes em Braga, estão ligados ao Bom Jesus pelo fascínio que o santuário lhes desperta e que originou este livro, misto de poesia e arte.

Miguel Louro, como assina, é autor de exposições fotográficas no país e no estrangeiro, bem como de vários livros e fotografias publicadas, apesar de ser médico de profissão. José Carlos Peixoto é Mestre em Educação, com especialização em Filosofia da Educação pela Universidade do Minho. Professor e vogal da Confraria do Bom Jesus do Monte, participou em vários congressos, conferências, sendo autor de várias obras, entre as quais: *Pensamento Social e Pedagógico de D. Frei Caetano Brandão*.

Publicado em 2011 pela Confraria do Bom Jesus do Monte de Braga, com coordenação e fotografias de Miguel Louro e textos de José Peixoto, o *Festim dos Sentidos* teve o prefácio de D. Jorge Ortiga.

Com apenas catorze páginas de texto, sendo toda a restante obra composta por belíssimas imagens, este livro é um convite a ver – e “quase” respirar, tocar e ouvir – a beleza do santuário que se ergue, no seu triunfo do barroco, no alto do Monte de Santa Cruz. O Bom Jesus do Monte, nome criado pela Real Companhia em 1629, veio substituir a nomenclatura original de Monte de Santa Cruz. Isto porque se crê que, algures no século XIV, terá sido levantada uma cruz neste local e aí edificada uma pequena ermida. Terá sido, mais remotamente, um local de culto pré-cristão. Segundo os autores, “com a implementação de uma Cruz que simboliza a Paixão de Cristo, no alto do Monte de Espinho e nas fraldas da Serra do Carvalho, começa a peregrinação a este local. A Cruz, sendo uma manifestação da maldade humana, é, também, o lugar onde a força do amor vence a própria morte” (p. XVII). Se a vida vence a morte, dá lugar à eternidade. E é nessa eternidade, onde o Absoluto se manifesta através da beleza, que percorremos este livro como quem percorre o Bom Jesus – se não fisicamente, espiritualmente. Através do olhar e dos sentidos. Por isso, o nome bem encontrado, *Festim dos Sentidos*, que encantam o leitor “através da sensibilidade do autor das fotografias e com o aroma das palavras de quem as escreveu. Vamos, pois, experimentar o sentido das imagens e o perfume das palavras...” (p. XVII) Assim, o prefácio e a introdução, entrecortados por fotografias que enchem os sentidos, precedem a divisão do livro em capítulos muito curtos, através de imagens e breves textos: “Escadório dos sentidos”, onde se destacam subcapítulos –

“V chagas – fragilidade sensorial”; “visão – o fascínio do olhar”; “audição – a música da natureza”; “olfacto – aromas inebriantes”; “palato – despertar sabores”; “tacto – lugar ao afecto”; “Escadório das virtudes”, com os seguintes subcapítulos: “Fé – amar aquilo que se crê; Esperança – esperamos o que não vemos; Caridade – operar o bem; Poesia à solta”. E a partir daqui, imagens lindíssimas que nos transpõem para um mundo poético onde o cruzar dos sentidos, nesse festim barroco e religioso, nos transporta para o encontro com o Absoluto, no alto do Monte. O ascender até ao alto, onde a maior das elevações – física e da alma – é possível, com um percurso onde a fé e a esperança nos guiam.

A divisão dos capítulos não é mais do que a simbologia da própria caminhada, ou as partes que se pensaram para subir até ao santuário, onde o espírito se eleva. O festim dos sentidos, vitória da vida sobre a morte, já é todo um reflexo de Deus, ao longo do percurso.

Um roteiro como este tem toda a sua originalidade na imagem. Cruzando o espetáculo do barroco com aquilo que se pretendia, também ser um espetáculo dos sentidos, o santuário do Bom Jesus de Braga, com todo o seu cenário, palco de religiosidade e ascese espiritual tem nesta obra uma excelente expressão daquilo que é, quer para quem não o conhece, quer para quem o revisita. Não é uma obra para o estudioso profundo ou o tradicional académico em busca de teoria, mas é uma obra para um estudo iconográfico mais completo para o observador atento: “Numa análise iconográfica dos escadórios dos cinco sentidos e das virtudes, sobressai um cálice, símbolo eucarístico, impercetível para a maioria dos peregrinos...” (p. XVIII).

É uma obra que reflete a beleza do próprio santuário através da fotografia e das breves e poéticas palavras. “A palavra cria e a imagem mostra” (p. XVII). São os próprios autores que confirmam a originalidade da sua obra: “Do alto desta colina sagrada, num dos miradouros da estância, os autores da narrativa visual e discursiva, procuram ir além dos modos de ver, dos pontos de vista, das perspectivas, das interpretações. Vão em busca de uma viagem essencial, sensorial, vital e substantiva. Procuram apurar e aprofundar os sentidos, aprendendo a ver melhor, a sentir melhor, a escutar melhor. Os sentidos tornam-se trilhos para o caminho.” (p. XVIII)

Que esta breve apreciação, além de apresentar a obra, possa despertar interesse sobre ela, e que, tal como D. Jorge Ortiga afirma no prefácio, “os autores possam ver que valeu a pena o seu trabalho!”

Na sua simplicidade, este livro é uma revelação da beleza e da complexa profundidade de uma obra poética como é o santuário do Bom Jesus de Braga. Contemplação, ascese, encontro de almas consigo e com o Absoluto. E, terminando com a frase de Fernando Pessoa, “tudo vale a pena, se a alma não é pequena”, cremos que essa grandeza de alma é possível no convite que os autores deste livro nos fazem: o encontro com Deus, no fim da caminhada.